

LAPESAM/GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – Revista EDUCAmazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente - ISSN 1983-3423 – Ano 2, Vol II, nº 1, pág. 19-27, jan-jun, 2009.

ÉTICA E CULTURA: REFLEXÕES DO COTIDIANO

Aldair Andrade (aldairandrade@yahoo.com.br) *

RESUMO: O presente texto, traça a partir de observações do cotidiano na vida social, a formação de comportamentos éticos e suas características, consolidando-se como referência para os usos e costumes, passando a direcionar a criação e recriação de novos valores culturais.

Palavras-chave: Comportamento. Ética. Moral. Cultura.

ETHICS AND CULTURE: REFLECTIONS OF EVERYDAY LIFE

ABSTRACT: This text marks up the formation of ethical behaviors and its characteristics from the observations of social everyday life, consolidating as a reference for the uses and habits, leading to the creation and recreation of new cultural values.

Keywords: Behaviour. Ethics. Morals. Culture.

O termo ética é, sem dúvida, dos mais difundidos e dos mais constantemente usados na linguagem contemporânea, seja na literatura especializada ou na fraseologia política, seja na comunicação de massa. É evidente, por outro lado, a deterioração semântica do termo nessa migração incessante por tantas formas diferentes de linguagem. (Vaz, 1999).

De tanto ser falado e explicado, às vezes tem-se a sensação de que se sabe exatamente o que significa, embora não se saiba muito bem como operacionalizá-lo no cotidiano, no dia-a-dia.

No geral pode-se até mesmo afirmar que o emprego dos termos ética e moral vulgarizaram-se de tal forma e passam por uma simplificação tão profunda, tendo-se sobremaneira como sinônimo de honestidade essencialmente, não fazendo distinção de um termo ou de outro.

* Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, Professor da Universidade Federal do Amazonas – e-mail: aldairandrade@yahoo.com.br

Na educação doméstica não se faz distinção entre esses termos, atentando-se principalmente em fomentar no indivíduo valores e práticas sociais como a noção do alheio, o respeito aos pais, o respeito aos mais velhos, o respeito às normas sociais entre tantas outras.

O sujeito, ao compartilhar da vida social com seus pares, agrega, além das anteriormente expostas, novas regras e condutas, aprendidas na escola, obediência a códigos institucionais, horários, frequência, a respeito às autoridades constituídas, corpo docente, técnicos, na igreja pela doutrinação religiosa.

O relacionamento com novos grupos insere nesse processo de formação de um cabedal de valores, esses geralmente no tocante ao tratamento quanto aos gêneros masculinos e femininos, também necessários ao cultivo do convívio social.

Neste sentido é pertinente retomar Abbagnano (1982), que nos lembra que, em geral, Ética é a ciência da conduta, existindo duas concepções fundamentais: a primeira que a considera como ciência do fim a que a conduta dos homens se devem dirigir e dos meios pra atingir tal fim, e se deduz tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; a segunda considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vista a dirigir ou disciplinar a mesma conduta.

Utilizando-se desta perspectiva que em geral os homens estão afeitos essencialmente à concepção como móvel da conduta que por sua vez determina com vista a disciplinar a mesma conduta, ou seja, em estabelecer regras do agir entre seus pares.

É relevante ainda trazer à tona a compreensão do referido autor quanto ao termo cultura, pois toda formação ética ou moral está intrinsecamente no seio de determinada cultura e a compõe.

Segundo o autor este termo cultura possui dois significados: o primeiro, mais antigo, é aquele pelo qual significa a formação do homem, o seu melhorar-se e refinar-se; o segundo é aquele pelo qual indica o produto dessa formação, isto é, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, que se costumam também indicar pelo nome de civilização. (ABBAGNANO,1982)

Por esta perspectiva de formação cultural ou formação do sujeito moral é interessante observar que Nietzsche (1998) na segunda dissertação da Genealogia da Moral faz o seguinte questionamento:

“criar um animal que pode fazer promessas – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impõe, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema do homem? O fato de que este problema esteja em grande parte resolvido deve parecer ainda mais notável para quem sabe apreciar plenamente a força que atua de modo contrário, a do esquecimento” (NIETZSCHE, 2001, 45).

Ou seja, para o autor, a natureza tem como principal tarefa a criação de um animal capaz de fazer tarefas, sendo essa a característica primeira que salta a formação de uma identidade de homem, sendo na verdade o que o identifica como tal.

Nesta mesma perspectiva é notável para o autor, quanto a esse mesmo sujeito, quando na superação dessa ordem primordial aprende a esquecer, ou seja, por força altera e sobrepõe esse código original por uma forma força contrária.

Não é por demais nesse sentido compreender que os códigos éticos são construídos a partir do agir e da reflexão sobre esse agir, na escolha e na comparação das diversas formas de ações e de suas conseqüências e ainda pelas conseqüências sofridas por esses mesmos sujeitos em suas relações no e com o mundo.

Nessa formação do agir ético ou moral do sujeito no mundo, formam-se núcleos onde se cristalizam esses valores, entres eles seguramente está o núcleo familiar e a escola.

Como já mencionado anteriormente é no seio deste primeiro que se dá o processo de reafirmação e solidificação de conceitos adotados pela maioria ou pela sociedade como sendo os melhores ou eleitos para tal, e, ainda, como neste núcleo é desenvolvido no sujeito a necessidade do cultivo espiritual, em um segundo núcleo, não menos importante, o religioso, pelo temor são retificados esses valores.

É notório, portanto, que a família é forjadora de valores, é nela que se estabelecem pesos e medidas para o agir, quando esses não se coadunam com o público, o formato desse núcleo, certamente é percebido pelo outro, fazendo-se necessário que o Estado, essa figura criada para dirimir tais distorções se faça presente, afirmando-se sobremaneira quando o sujeito, na ilusão, adota para si o

esquecimento como medida, ou seja, o não cumprimento das regras acordadas, dos acordos estabelecidos entre sujeitos ou grupos de sujeitos, ou ainda a instituições.

Mesmo que a discussão se estenda em determinar definitivamente se o agir moral começa sua formação por elementos intrínsecos aos sujeitos, elementos genéticos, determinados pela natureza ou, se extrínsecos, na relação do sujeito com os outros na relação imanente com o mundo, não teríamos elementos suficientes para determinar que tem supremacia na formação do agir moral, embora seja convencionalizado afirmar que o agir moral é fruto essencialmente do agir no mundo, mesmo assim é notório observar que alterações abruptas na estrutura física de determinadas regiões do cérebro modificam sobremaneira o agir do sujeito moral.

É pertinente incluir nessa discussão Kant, quando, ao dissertar sobre o Esclarecimento, que o sujeito esclarecido não deveria necessitar de tais amparos ou instituições para lembrá-lo desses acordos, não precisaria da escola, da igreja e assim por diante, pois ao agir assim se emanciparia sendo sujeito de seu próprio agir moral, superando a menoridade a que fora educado, superando-se e fazendo com que o agir seja um agir universal, que a escolha seja para toda a humanidade (Kant, 2003).

Diante dessas perspectivas que se impõem ao sujeito em seu agir social, e por esse mesmo agir estabelece e adota como suas, regras aceitas pela maioria como necessárias à convivência social, dando por essas o que é normal ou o que não é normal.

A pergunta então seria: o que é normal para determinada cultura?

Normal seria a adoção de práticas, de usos e costumes convencionalizados pela maioria de determinado agrupamento social. É evidente que tais convenções não estão necessariamente sob o lastro metafísico e filosoficamente fundamentado, estão, por sua vez, na sua maioria sustentados num saber prático, vivido, que, ao passar dos anos e pela experiência fora testado e, portanto, validado. Tal exercício possibilita então a determinação de tais preceitos e normas por uma maioria incauta e inculta, garantindo a certeza de tais conceitos no senso comum, no achismo ou mesmo no talvez, transformando assim às vezes o contingente em necessário, construindo um castelo de cartas e um solo arenoso e movediço para sustentação de valores morais.

Aristóteles propõe, em sua ética, regras para o bom convívio social, ditames que norteiam o agir em sociedade que subsiste como formação se observados princípios como liberdade, justiça e amizade. (Aristóteles, 2001)

Muito provavelmente a não observância dessas orientações produz-se uma sociedade doentia e perversa, deturpada e asquerosa; gesta-se em seu seio a capacidade de inventar e reinventar imbricadas tramas sem contradição ou desvio, como produto de uma mente calejada pela artilosidade e pelo desvio.

Esses desvios podem seguramente admitir em seu seio personalidades doentias e perversas, que admitem a falta de escrúpulo e o cinismo como modo de vida e moeda de troca, que se apossam da mentira como se fora verdade, e inventam um mundo de conspiração e trama, enquanto portam-se como centro de retidão e vítima de todos.

Forja-se um *ethos* envergado, caindo para frente, do choro, subserviente, reverente, do choro e da lamentação, como se o destino – se por acaso ele existisse – por conspiração universal tecesse trama tão imbricada da qual não pudesse escapar. Isso nos remete a Nietzsche (2001, p. 35) quando observa que, “hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão”.

Certamente o autor não está se atendo a nenhuma particularidade, a um fato nuclear, mas propõe um diagnóstico uma leitura de toda uma cultura que se forja historicamente.

Observa-se que este *ethos* não é construído na particularidade, às escondidas, nas frestas sociais, às apalpadelas da sociedade, mas sim no caldo cultural, na confluência de todos os dizeres e fazeres humanos, a produzir o que o próprio autor vai denominar de decadência da cultura.

Mais particularmente, no caso brasileiro, é pertinente verificar as observações de Roberto DaMatta, quando traça o diagnóstico de uma cultura do jeitinho, da vantagem, do medalhão, do “você sabe com que está falando?”.

Isso nos remete a uma observação sartreana, que ao tratar da alteridade, associa a imagem do outro ao inferno, onde todos os sujeitos, todas as fronteiras existenciais de cada indivíduo, compreendendo-se que com quem se convive e vê aquele com que se enfrenta no dia-a-dia, que fala e grita, que reivindica e vive

aparentemente, é visto como meio e não como fim, como propõe a ética maquiavélica.

É necessário, portanto, assumir a culpa/responsabilidade: somos todos culpados/responsáveis por essa carnificina dos valores morais. Todos são membros do júri e de dedo em riste apontam para si mesmos, ao mesmo tempo em que se conduzem para o cadafalso, culpados/responsáveis por esse ar fétido que sai da cultura, como aduladores desse deus imoral que entregou o que tinha de melhor a essa Pandora descuidada e curiosa. Os culpados foram encontrados, é preciso assumir a responsabilidade esticar a corda e, - alguém por favor, chute esse banco que sustenta os pés, pode ser que assim surja a imensidão sem fim, e que as dobras cósmicas do infinito abriguem a possibilidade de uma nova chance para essa raça que teima em não aprender com os próprios erros.

Tal desesperança, tristeza e decepção é sentida por Schopenhauer (2001, p. 37) quando afirma “ se algum deus esse mundo criou eu não queria ser esse deus, pois sua maldade destruiria meu coração” .

Chega de jogar para o alto a culpa e a expiação dessa miséria, chega de adoçar o amargor das bocas fétidas, é preciso dizer

sim a si mesmo e dizer não a um fora, um outro, um não-eu... é esta inversão do olhar que estabelece valores-esse necessário dirigir-se para fora em vez de voltar-se para si- é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto- sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 2001, p.29).

Essa cultura do silêncio que claudica, esse mundo que tudo fala é responsável por essa miséria, por uma ética decadente, de sujeitos que não se intrometem na vida alheia, assim por essa cínica e falsa moralidade deixa víboras fugirem de suas tocas e picar os transeuntes no meio desse silêncio insuportável.

Uma analogia semelhante se poderia fazer ao falar sobre esses desvios morais, à moda de Foucault, quanto à sexualidade, quando afirma que quanto mais se nega a rejeita a discussão mais se discute, quanto mais se afirma calar mais se fala. Esse calar/falar forja uma cultura do mais-ou-menos, um *modus operandi* onde o incauto que não possui memória *operandi*, que porventura não tivera experiência para agrupar

informações sobre seus pares ou ainda seja o ingênuo e acredite na possibilidade da honestidade, lealdade e respeito, seja surpreendido e ao mesmo tempo em que é enredado numa trança perversa e venenosa como os cabelos de Medusa, e se não desviar o olhar vira pedra. Acredita-se que somente uma cultura forjada por uma educação castradora dos afetos e dos desejos, uma educação da cozinha e não da sala, é possível admitir que o céu desmorona sobre as cabeças e não se faz nada, a não ser procurar um capacete, enquanto o peso vai estropiar o corpo inteiro.

Crê-se assim que esse modo de ver-se a realidade seja fruto de uma cultura dicotomizada, que fragmenta a realidade, dualiza a parte e o todo, enquanto o todo rui inclusive o chão sob os pés; não enxerga-se um palmo à frente do nariz, pois se olha demais para o umbigo. O olhar não vagueia no horizonte infinito, não passeia por outras pradarias, perde-se absortamente nos próprios pés, enquanto deixa à descoberta a própria cabeça.

A cabeça abaixada, o olhar sorrateiro são forjas de cínicos, apáticos, medrosos, preguiçosos, descarados, cordeiros e ovelhas que vão a balir para lugar nenhum. Se ao menos agissem como as vacas que marcam sua passagem com rastros fétidos, ainda se teria marcações físicas, no entanto marcam sua passagem com mentiras e intrigas com estórias e engodos tão bem versados que acabam convencendo o próprio contador.

Pode-se dizer que temos formação cultural fragmentada: fragmenta-se a realidade, a dualidade tornou-se a forma de apresentar o mundo e as coisas. Essa propiciou a criação de monstros sociais, parasitas claudicantes, de redondilhas venenosas que tramam inescrupulosamente ataques aos pares por ser este um hábito cultivado e a forma de representar o mundo que criara de si e para si.

Constata-se no cotidiano, que somente uma mente fragmentada, decaída e dicotomizada consegue juntar as migalhas do nada e construir um cenário de perfeição e engano, e no alforje da discórdia e do medo, castrada por um pai todo poderoso e uma mãe subserviente, pode-se inventar uma personalidade tão apática e doentia.

Seguramente pode-se afirmar que a falta de compreensão da totalidade da realidade, a falta de entendimento dessas múltiplas relações entre as coisas, é fruto de uma formação particular, de uma mente binária, de sim e de não, de uma visão de mundo binário, do certo e do errado, de uma cultura arrogante e pretensiosa que não entende sua própria vontade.

Como diria Berkeley (2006, p. 45):

Estou totalmente de acordo com este ilustre autor – Locke - as faculdades dos brutos não podem de modo algum atingir a abstração (...) ter idéias gerais é o que introduz uma perfeita distinção entre o homem e os brutos, e é uma excelente faculdade que os brutos não podem atingir de modo algum

Uma geração de mudos que grita, uma geração de surdos que tudo ouve, uma geração de sábios imbecis, de gênios de parede e teto, uma geração de reclamadores claudicantes que bradam pelos corredores a todos e a ninguém, que se arrogam em dizer sim e não, contudo dizem sempre sim por parecer mais agradável e assim não se comprometem.

Perdeu-se, se é que um dia existiu, a capacidade de indignar-se, os que se indignavam ou se indignam ou foram queimados nas fogueiras ou estuprados violentamente, castrados física e mentalmente ou estão sendo abraçados com tapinha nas costas e em momento oportuno será dado o golpe fatal.

Constata-se mais comumente o auto-aprisionamento dos indivíduos, como o fez Montaigne. A cultura os conduz à barbárie, à construção de torres de isolamento, à delimitação em espaços e clubes, confrarias, guetos, não porque se ame apaixonada e desesperadamente os iguais, mas porque urge preservar-se e neste processo erige-se barreira necessária para que não desabe sob o peso hercúleo da inveja e maledicência, da competição desenfreada da cultura que não mamou no peito, dessa geração de desmamados. Percebem-se invariavelmente dois movimentos na aproximação de determinado grupo humano em comunidade já constituída. Num primeiro momento, a permanência no grupo original por desconhecimento do *ethos* do espaço a que está se adentrando. O conhecimento desse *ethos* possibilita a estes o afastamento gradual de seu grupo de origem e o estabelecimento de novas relações sociais.

Num segundo momento, o movimento é de retorno, ou seja, o movimento de aproximação e o estabelecimento de novas relações possibilita aos indivíduos experiências de várias modalidades. Como resultante desse processo de conhecimento desse novo *ethos*, dar-se o movimento de retorno, ou seja, alguns indivíduos desse novo grupo, não se adaptando às novas regras impostas pelo grupo originário, retorna ao grupo de origem como forma de proteção e apoio.

A cultura da vantagem e da acumulação sustenta a barbárie que nunca se fora, a fúria desenfreada desse anjo da morte com sua espada flamejante forçada nos campos e pradarias e continua empunhada.

Conclusão

Percebe-se nos grupos sociais a formação comportamentos em indivíduos que ceifam nas ruas, nas esquinas, nos becos, nas mansões, nas palafitas e na academia, os incautos com a docilidade do choro da necessidade. Por uma sustentação histórica, bem tratado por Da Matta, erigem-se estátuas de pés de barro, deuses desbotados com cabeça de bagre, com braços molusculares e corpos de cetáceos, que se arrastam pesadamente e se apossam, criam crostas, ficam seus tentáculos rizomáticos em consciências mornas, vomitadas pelo mago do sermão da montanha.

A pergunta que não quer calar. Têm-se escolha quanto à moral? É possível de fato, como preconiza Aristóteles, o indivíduo escolher, e entre essas escolhas é possível o agir ético? Ou será que de tanto beber dessa água turva, não mais se consegue perceber sua cor?

Será que, à maneira de Édipo, o indivíduo marcado pelo destino e não pode escapar à sua sina, estando submetido e submisso ao determinismo de uma prática que não mais consegue questionar?

REFERÊNCIAS:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário da Gama Kury. 4ª. ed. Brasília: Editora Unb, 2001.
- BERKELEY, George. *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano*. Tradução: André Campos Mesquita. São Paulo: Escala Editora, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução. Notas e Posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução: M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto 2001.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV-Introdução Ética Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- KANT, Emmanuel. *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. Tradução: Lourival de Queiroz Henkel. Rio de Janeiro, Editora Teconoprint S.A, 2003.

Recebido em 30 de maio de 2008. Aceito em 8 de junho de 2008.